

Portuguese A: literature – Higher level – Paper 1
Portugais A : littérature – Niveau supérieur – Épreuve 1
Portugués A: literatura – Nivel superior – Prueba 1

Monday 9 November 2015 (afternoon)
Lundi 9 novembre 2015 (après-midi)
Lunes 9 de noviembre de 2015 (tarde)

2 hours / 2 heures / 2 horas

Instructions to candidates

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a literary commentary on one passage only.
- The maximum mark for this examination paper is **[20 marks]**.

Instructions destinées aux candidats

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire littéraire sur un seul des passages.
- Le nombre maximum de points pour cette épreuve d'examen est de **[20 points]**.

Instrucciones para los alumnos

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario literario sobre un solo pasaje.
- La puntuación máxima para esta prueba de examen es **[20 puntos]**.

Faça a análise literária de **um** dos seguintes textos:

1.

A implosão da mentira

Fragmento 1

- Mentiram-me. Mentiram-me ontem
e hoje mentem novamente. Mentem
de corpo e alma, completamente.
E mentem de maneira tão pungente
5 que acho que mentem sinceramente.
- Mentem, sobretudo, impune/mente.
Não mentem tristes. Alegrementem
mentem. Mentem tão nacional/mente
que acham que mentindo história afora
10 vão enganar a morte eterna/mente.
- Mentem. Mentem e calam. Mas suas frases
falam. E desfilam de tal modo nuas
que mesmo um cego pode ver
a verdade em trapos pelas ruas.
- 15 Sei que a verdade é difícil
e para alguns é cara e escura.
Mas não se chega à verdade
pela mentira, nem à democracia
pela ditadura.

Fragmento 2

- 20 Evidente/mente a crer
nos que me mentem
uma flor nasceu em Hiroshima
e em Auschwitz havia um circo
permanente.
- 25 Mentem. Mentem caricatural-
mente.
Mentem como a careca
mente ao pente,
mentem como a dentadura
30 mente ao dente,
mentem como a carroça
à besta em frente,
mentem como a doença
ao doente,
35 mentem clara/mente
como o espelho transparente.

Mentem deslavadamente,
como nenhuma lavadeira mente
ao ver a nódoa sobre o linho. Mentem
40 com a cara limpa e nas mãos
o sangue quente. Mentem
ardente/mente como um doente
em seus instantes de febre. Mentem
fabulosa/mente como o caçador que quer passar
45 gato por lebre. E nessa trilha de mentiras
a caça é que caça o caçador
com a armadilha.
E assim cada qual
mente industrial?mente,
50 mente partidária?mente,
mente incivil?mente,
mente tropical?mente,
mente incontinente?mente,
mente hereditária?mente,
55 mente, mente, mente.
E de tanto mentir tão brava/mente
constroem um país
de mentira
—diária/mente.
[...]

Afonso Romano de Sant'Anna, *A implosão da mentira e outros poemas* (1987)

2.

Sentia-se indefesa. Já vivera no meio de gente hostil, mas sempre sob um tecto, junto às brasas de um fogão. O que fazia ali? Ia morrer de febre, ou peste, ou mordedura de animal. Ao longe, ao fundo, alguém saía de um casebre e gritava improperios à manhã. Lillias tirou uma das pêras do avental e preparou-se para voltar para trás. Dera somente uns passos
5 quando foi atirada para o chão, e o grande terramoto começou.

A terra estava em fúria, qual um touro varado por petardos numa arena. Muitos iriam realmente interpretar aquelas convulsões como revolta moral da natureza, ante os pecados que os humanos andavam cometendo. Muitos acharam que o bom Deus do Papa castigava Lisboa pela sua submissão aos heréticos ingleses. Equivalente enlevo punitivo ocupava os jornais dos
10 protestantes. Tinham sido poupados quase todos, contando entre eles menos de cem vítimas, porque em boa verdade aquele desastre se dirigia apenas aos papistas, como um solene aviso do Senhor.

Lillias julgou-se em cima de um ser vivo, porque parecia haver um sentimento na forma como o chão se debatia. Aquilo que dentro dele se revolvia levava-o a rugir, ferido de morte.
15 Escancarou uma enorme goela na encosta onde Lillias havia de encontrar-se, se tivesse avançado um minuto antes. A lama negra fumegava, como o bolo de alguma monstruosa digestão. O enxofre vinha directamente arremessado do inferno.

Lillias pensou nas pêras e no pão que lhe tinham caído do avental. Não conseguia pensar em nada mais. O estômago ocupava o centro do seu mundo. Tocou na trouxa que
20 trazia na cintura, mas logo se esqueceu de Santa Brígida. Também a alma estava concentrada na preocupação com a comida.

Com o segundo abalo, desistiu. Sentou-se à espera de que o chão, por baixo dela, se abrisse, e a mão dos mortos se estendesse e a puxasse para a sua companhia. A sua
25 educação religiosa fora apenas formal, feita de ritos e certo despotismo de palavras. Não esperaria ver no fim do mundo o supremo Juiz cobrindo os céus.

Dava por si sozinha e desvalida, uma pequena criatura mais, no meio das ervas e dos roedores. Ouvia os gritos da cidade ao longe. Corriam pelo ar, em vez dos pássaros que tinham procurado o vale de Alcântara e não mais se mexeram todo o dia. Lillias pensou que os
30 vermes saíam dos túneis subterrâneos. Pôs-se de pé, para que eles a não tomassem por um cadáver. Viu no horizonte, acima de Lisboa, uma poeira imóvel, como um escudo. Mas, no campo deserto, o sol mantinha a sua desusada intensidade. Lillias sentia sede. E o seu medo transformava-se em ânsia de animal, numa necessidade de achar água.

Foi alcançada pelos fugitivos. O horror empurrava-os para a frente. A rapidez com que se deslocavam, velhos, estropiados, mulheres grávidas, tornava-os irreais, como se mal
35 pousassem os seus pés. Lillias abandonou uma nascente que lhe oferecera um líquido oleoso e juntou-se aos primeiros que avistara, caminhando para norte, caminhando para longe da cidade que não deixara de abanar de quando em quando.

O número de gente deslocada aumentava em segundos, de maneira que Lillias passou despercebida. As carruagens corriam brutalmente, abrindo espaço com o chicote e os gritos
40 dos cocheiros. A espuma de agonia dos cavalos caía na cabeça das crianças.

Hélia Correia, *Lillias Fraser* (2001)